

PHILIP PULLMAN

A Bússola de Ouro

TRADUÇÃO
Eliana Sabino



Copyright © 1995 by Philip Pullman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Northern Lights

Design e ilustração de capa
crushed.co.uk/ Scholastic Ltd.

Preparação
Carolina Vaz

Revisão
Geuid Dib Jardim
Laura Victal

Coordenação editorial
Página Viva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pullman, Philip
A bússola de ouro / Philip Pullman ; tradução Eliana Sabino. — 2ª ed. — Rio de Janeiro : Suma de Letras, 2017.

Título original: Northern Lights.
ISBN 978-85-5651-042-6

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

17-04982

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR

*Para dentro desse abismo agreste,
Ventre da natureza e talvez tumba,
Nem de mar, nem praia, ar ou fogo
Mas de todos esses misturados em suas causas prenhes
Confusamente, e em constante luta
A não ser que o poderoso criador lhes ordene
Seus materiais obscuros para criar mais mundos,
Para dentro desse abismo agreste o demônio cauteloso
Postou-se à beira do inferno e olhou por algum tempo,
Refletindo sobre a sua viagem...*

John Milton, *Paraíso Perdido*, Livro II

Sumário

PRIMEIRA PARTE

Oxford

1. A garrafa de Tokay	11
2. A ideia do norte	23
3. A Jordan de Lyra	36
4. O aletiômetro	64
5. A festa	77
6. As tarrafas	92
7. John Faa	103
8. Frustração	120
9. Os espiões	129

SEGUNDA PARTE

Bolvangar

10. O cônsul e o urso	147
11. A armadura	163
12. O menino perdido	181
13. Esgrima	190
14. As luzes de Bolvangar	204
15. Os daemons nas caixas de vidro	218
16. A guilhotina prateada	232
17. As feiticeiras	244

TERCEIRA PARTE

Svalbard

18. Gelo e neblina	265
19. O cativoiro	280
20. À <i>outrance</i>	296
21. As boas-vindas de lorde Asriel	310
22. A traição	325
23. A ponte para as estrelas	333

PRIMEIRA PARTE
OXFORD

1. A GARRAFA DE TOKAY

Lyra e seu daemon atravessaram o salão, já bastante escuro, tomando cuidado para seguirem junto à parede, fora de vista da cozinha. As três mesas grandes ao longo do salão já estavam arrumadas, com a prataria e as taças refletindo a luz fraca do ambiente e os bancos compridos afastados, esperando os convidados. No alto, ao longo das paredes, os retratos de antigos reitores estavam na penumbra. Lyra chegou ao tablado e voltou-se para olhar a porta aberta da cozinha; não vendo ninguém, subiu para junto da mesa principal. Ali os talheres eram de ouro, não de prata, e os catorze lugares não eram em um banco de carvalho, mas em cadeiras de mogno com almofadas de veludo.

Lyra parou junto à cadeira do reitor e deu um peteleco de leve na maior taça; o som percorreu todo o salão.

— Você não está levando isso a sério. Comporte-se — cochichou o daemon.

O nome do daemon era Pantalaimon, e, no momento, ele tinha a forma de uma mariposa marrom para não se destacar na penumbra do salão.

— Estão fazendo muito barulho na cozinha — cochichou Lyra de volta. — E o administrador só aparece depois do primeiro sino. Deixe de ser ranzinza.

Mas, em todo caso, ela colocou a palma da mão sobre o cristal que vibrava; Pantalaimon esvoaçou à frente dela e entrou pela porta entreaberta da sala privativa, no outro extremo do tablado. Logo depois tornou a aparecer.

— Está vazia — sussurrou. — Mas temos que ser rápidos.

Agachada, escondida pela mesa, Lyra foi até a porta e entrou na sala privativa, onde tornou a ficar de pé e olhou em volta. A única luz vinha da

lareira; a pilha de lenha em brasa desabou enquanto ela observava, fazendo subir uma coluna de faíscas pela chaminé. Ela havia passado a maior parte da vida na Faculdade, mas nunca tinha visto a sala privativa; só os catedráticos e seus convidados podiam entrar ali, e nunca uma mulher. Nem as criadas entravam para limpar; esse trabalho quem fazia era o mordomo.

Pantalaimon se acomodou no ombro dela.

— Está satisfeita agora? Podemos ir? — cochichou.

— Não seja medroso! Ainda quero dar uma olhada!

Era uma sala ampla, com uma mesa oval de jacarandá encerada e várias garrafas e taças de cristal sobre ela, além de uma tabaqueira de prata com uma pequena divisão para cachimbo. Em um aparador ao lado, havia uma panelinha e uma cesta com botões de papoula.

— Eles vivem bem, hein, Pan? — comentou ela, baixinho.

Lyra foi sentar-se em uma das poltronas de couro verde, tão funda que ela ficou quase deitada, mas se endireitou e cruzou as pernas. Então se pôs a examinar os retratos nas paredes: mais catedráticos, com certeza; barbados e melancólicos, eles lançavam olhares de solene desaprovação de dentro das molduras.

— O que acha que eles conversam aqui? — perguntou a garota, ou começou a perguntar, pois antes de terminar a frase ela ouviu vozes do lado de fora da sala.

— Para trás da poltrona! Depressa! — sussurrou Pantalaimon.

Como um raio, Lyra pulou da poltrona e se escondeu atrás dela. Não era o melhor esconderijo: ela havia escolhido logo a poltrona que ficava bem no meio da sala, e se não ficasse quietinha...

A porta se abriu, e a iluminação da sala mudou: um dos recém-chegados trazia uma lamparina, que colocou no aparador. Lyra via as pernas dele, as calças verde-escuras e os sapatos pretos bem engraxados: um criado.

Então uma voz grossa perguntou:

— Lorde Asriel já chegou?

Era o reitor. Lyra prendeu a respiração ao ver o daemon do criado (um cão, como os daemons de todos os criados) entrar trotando e sentar-se em silêncio aos pés dele, e então os pés do reitor ficaram visíveis também, metidos nos velhos sapatos pretos que ele sempre usava.

— Não, reitor — disse o mordomo. — Também não temos notícia das Docas Aéreas.

— Imagino que ele vá chegar com fome. Leve-o direto para o salão, sim?

— Sim, senhor.

— E já separou um pouco do Tokay especial?

— Já, sim, reitor. O 1898, como o senhor pediu. Lorde Asriel aprecia muito essa safra, se não me falha a memória.

— Ótimo. Agora vá, por favor.

— Vai precisar da lamparina, reitor?

— Sim, pode deixá-la aí. Durante o jantar, venha ajeitar o pavio, está bem?

O mordomo fez uma reverência curta e se virou para sair, e seu daemon o seguiu obedientemente. De seu precário esconderijo, Lyra ficou observando enquanto o reitor ia até um grande armário de carvalho em um canto da sala, tirava sua beca de um cabide e a vestia com dificuldade — o reitor da Jordan tinha sido um homem robusto na juventude, mas agora estava com bem mais de setenta anos e seus movimentos eram rígidos e lentos. Seu daemon era uma fêmea de corvo, e assim que ele terminou de vestir a beca o daemon voou de cima do armário e foi se acomodar no seu lugar de costume: seu ombro direito.

Lyra sentia a aflição de Pantalaimon, apesar de o daemon não emitir um único som. Ela mesma estava achando delicioso aquele friozinho na barriga. Lorde Asriel, o visitante mencionado pelo reitor, era tio dela, um homem que ela muito admirava e temia. Diziam que ele estava envolvido em altas políticas, explorações secretas, guerras distantes, e ela nunca sabia quando ele ia aparecer. Ele era muito bravo; se a apanhasse ali, seria severamente punida, mas conseguiria aguentar.

Porém, o que ela viu em seguida mudou completamente as coisas.

O reitor tirou do bolso um papel dobrado e o colocou na mesa. Tirou a rolha de uma garrafa que continha um vinho dourado, desdobrou o papel e deixou cair lá dentro um jorro fino de pó branco; depois amassou o papel e o jogou na lareira. Então tirou um lápis do bolso, mexeu o vinho até dissolver todo o pó e recolocou a rolha.

Seu daemon soltou um grasnido curto; o reitor respondeu com um murmúrio e olhou em volta com os olhos semicerrados e severos antes de sair pela porta pela qual tinha entrado.

— Viu isso, Pan? — cochichou Lyra.

— Claro que vi! Agora saia depressa, antes que o administrador chegue!

Mal terminou a frase e os dois ouviram um sino tocando uma vez na outra ponta do salão.

— É o sino do administrador! — exclamou Lyra. — Pensei que a gente ia ter mais tempo...

Pantalaimon esvoaçou até a porta do salão e voltou depressa.

— O administrador já está lá — avisou. — E você não vai poder sair pela outra porta...

A outra porta, aquela por onde o reitor tinha entrado e saído, dava para o movimentado corredor entre a biblioteca e a sala de estar dos cate-dráticos. A essa hora do dia, o corredor estaria cheio de homens indo vestir suas becas para o jantar, ou correndo para deixar papéis ou pastas na sala de estar antes de ir para o salão; sabendo disso, Lyra tinha planejado sair por onde entrara, contando com mais alguns minutos antes do sino do administrador.

Se ela não tivesse visto o reitor colocar aquele pó no vinho, poderia até ter desafiado a cólera do administrador ou tentado passar despercebida no corredor movimentado. Mas estava confusa, e isso fez com que hesitasse.

Então ouviu passos pesados no tablado: era o administrador vindo verificar se a sala privativa estava pronta, com as papoulas e o vinho que os cate-dráticos beberiam depois do jantar. Lyra correu para o armário de carvalho e se escondeu lá dentro, fechando a porta bem no momento em que o administrador entrou. Ela não se preocupou com Pantalaimon: a sala era toda de cores escuras, e ele podia muito bem entrar debaixo de uma poltrona.

Lyra escutou a respiração ofegante do administrador e, pela fresta da porta, viu quando ele ajeitou os cachimbos junto à tabaqueira, lançando um olhar de relance para os frascos de bebida e as taças. Depois ajeitou os cabelos sobre as orelhas com ambas as mãos e disse algo ao seu daemon. O administrador era um criado, então seu daemon era uma cadela; mas, como era um criado de alta categoria, seu cão também era superior — um setter vermelho. O daemon parecia suspeitar de alguma coisa, lançando olhares em volta como se sentisse a presença de um intruso, mas não foi até o armário, para grande alívio de Lyra. Ela temia muito o administrador, que já havia lhe dado uma surra duas vezes.

Lyra ouviu um sussurro bem fraquinho; Pantalaimon também tinha se enfiado no armário.

— Agora vamos ter que ficar aqui. Por que você *nunca* escuta o que eu digo?

Lyra só respondeu depois que o administrador saiu. Cabia a ele supervisionar os criados que serviam a mesa principal; ela ouviu os catedráticos entrando no salão, o murmúrio de vozes, o arrastar de pés.

— Ainda bem que não escutei — cochichou ela em resposta. — Senão não teríamos visto o reitor colocar veneno no vinho. Pan, era o Tokay que ele tinha pedido ao mordomo! Vão assassinar lorde Asriel!

— Você não sabe se aquilo é veneno.

— Claro que é! Você não notou? Ele esperou o mordomo sair da sala; se fosse inocente, não se importaria que o mordomo visse. E eu sei que está acontecendo alguma coisa. Alguma coisa política. Os criados só falam disso. Pan, nós podemos impedir um assassinato!

— Nunca ouvi tanta bobagem — cortou ele. — Como você acha que vai conseguir ficar quatro horas dentro deste armário apertado? Vou vigiar o corredor; quando estiver vazio, eu aviso.

Ele voou do ombro dela, e Lyra viu a sombra minúscula aparecer na fresta de luz.

— Não adianta, Pan, vou ficar aqui — declarou. — Há outra beca ou sei lá o quê aqui dentro; vou colocá-la no chão do armário e me acomodar. *Tenho* que ver o que eles fazem!

Até então ela estava agachada; ficou em pé com cuidado, tateando à procura dos cabides para não fazer barulho, e descobriu que o armário era maior do que pensara. Havia várias becas acadêmicas e capuzes, alguns orlados de pele, a maioria com forro de seda.

— Será que são todos do reitor? — sussurrou ela. — Quando recebe diplomas honorários de outros lugares, talvez eles lhe deem becas que ele guarda aqui... Pan, você acha mesmo que aquilo no vinho não é veneno?

— Não, também acho que é veneno. E acho que isso não é da nossa conta. E acho que interferir seria a mais idiota de todas as coisas idiotas que você já fez na vida. Não temos nada a ver com isso.

— Não seja idiota! — exclamou Lyra. — Não posso ficar aqui sabendo que ele vai ser envenenado!

— Então vamos embora.

— Você é um covarde, Pan.

— Claro que sou. Posso saber o que você pretende fazer? Vai sair do armário e arrancar a taça dos dedos trêmulos dele? Qual é o seu plano?

— Não tenho plano nenhum, e você sabe muito bem — respondeu ela em voz baixa. — Mas agora que vi o que o reitor fez, não tenho escolha. Pensei que você soubesse o que é consciência. Sabendo o que vai acontecer, como é que eu posso ir me sentar na biblioteca ou em qualquer outro lugar e ficar de braços cruzados? Isso eu não pretendo fazer, pode acreditar!

— Era isso que você queria o tempo todo — disse Pan depois de um momento. — Queria se esconder aqui e assistir a tudo. Por que não percebi isso antes?

— Está certo, quero mesmo — confessou Lyra. — Todo mundo sabe que eles vêm fazer uma coisa secreta. Têm um ritual, ou alguma coisa assim. E eu só queria saber o que é.

— Não é da nossa conta! Se eles querem ter seus segredinhos, você devia apenas ser superior e deixar isso pra lá. Xeretar é coisa de criança boba.

— Sabia que você ia dizer isso. Agora pare de resmungar.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, Lyra desconfortável no chão duro do armário e Pantalaimon pousado em uma das túnicas com ar contrariado, mexendo suas antenas temporárias. Lyra sentia vários pensamentos brigando dentro da sua cabeça e queria muito poder compartilhá-los com seu daemon, mas era também orgulhosa e achou melhor tentar clarear os pensamentos sem a ajuda dele.

O que predominava era a aflição, e não por si própria — de tanto se encrascar, Lyra já estava acostumada. Dessa vez, estava aflita por causa de lorde Asriel e pelo que aquilo tudo significava. Ele não visitava a faculdade com frequência, e o fato de estarem em uma época de alta tensão política significava que ele não estava vindo simplesmente para comer, beber e fumar com velhos amigos. Ela sabia que tanto lorde Asriel quanto o reitor eram membros do Conselho do Gabinete, o órgão especial de assessoria ao primeiro-ministro, de modo que a visita podia ter alguma coisa a ver com isso; mas as reuniões do Conselho do Gabinete eram feitas no palácio, não na sala privativa da Faculdade Jordan.

Além disso, havia o boato que estava provocando cochichos entre os

criados da Jordan: diziam que os tártaros tinham invadido a Moscóvia e estavam avançando rumo ao norte, para São Petersburgo, de onde poderiam dominar o mar Báltico e acabar conquistando toda a Europa Ocidental. E lorde Asriel estivera no norte: na última vez em que ela o vira, ele estava preparando uma expedição para a Lapônia...

— Pan... — cochichou ela.

— Que foi?

— Você também acha que vai haver guerra?

— Ainda não. Lorde Asriel não estaria jantando aqui se a guerra fosse explodir na semana que vem.

— Também acho. Mas depois...

— Shh. Vem vindo alguém.

Ela se endireitou e olhou pela fresta da porta. Era o mordomo, entrando para checar o pavio da lamparina, como o reitor pedira. A sala de estar e a biblioteca eram iluminadas por luz ambárica, mas, na sala privativa, os catedráticos preferiam as lâmpadas de nafta, mais antigas e suaves. Isso não mudaria enquanto o reitor estivesse vivo.

O mordomo aparou o pavio e colocou outra tora de lenha na lareira, depois escutou cautelosamente junto à porta antes de surrupiar um punhado de folhas da tabaqueira.

Mal tinha recolocado a tampa quando a maçaneta da outra porta girou e ele deu um pulo, sobressaltado. Lyra segurou o riso. O mordomo enfiou às pressas as folhas de fumo no bolso e se virou para cumprimentar o recém-chegado.

— Lorde Asriel! — exclamou.

Um arrepio de surpresa gelou as costas de Lyra. Ela não conseguia ver o tio e tentou dominar a vontade de mudar de posição para fazer isso.

— Boa noite, Wren — disse lorde Asriel, com aquela voz áspera que Lyra sempre escutara com uma mistura de prazer e apreensão. — Cheguei atrasado para o jantar. Vou esperar aqui.

O mordomo parecia constrangido; só se entrava na sala privativa a convite do reitor, e lorde Asriel sabia muito bem disso. Mas o mordomo viu também o olhar de lorde Asriel fixo em seu bolso estufado e resolveu não dizer nada.

— Devo avisar ao reitor que o senhor chegou?

— Não seria mau. Pode me trazer um café.

— É claro, senhor.

O mordomo fez uma reverência e saiu apressado, seu daemon trotando obedientemente atrás. O tio de Lyra foi até a lareira e estendeu os braços por cima da cabeça, se espreguiçando e bocejando como um leão. Estava usando roupas de viagem. Como sempre acontecia quando tornava a vê-lo, Lyra se lembrou do quanto ele a assustava. Estava fora de questão sair de fininho: ela teria que esperar e torcer.

O daemon de lorde Asriel, uma pantera branca, se postou logo atrás dele.

— Vai mostrar as projeções aqui? — perguntou ela em voz baixa.

— Vou. Vai ser menos confuso do que irmos para o auditório. Vão querer ver os espécimes também; daqui a pouco vou mandar chamar o porteiro. São tempos difíceis, Stelmária.

— Você devia descansar.

Ele esticou-se em uma das poltronas, de modo que seu rosto ficou escondido de Lyra.

— Devia, sim. E também mudar de roupa; com certeza, existe alguma regra de etiqueta arcaica que permite que eles me multem em uma dúzia de garrafas por entrar aqui sem estar vestido adequadamente. Eu precisava dormir uns três dias. Mas o caso é que...

Houve uma batida na porta, e o mordomo entrou, trazendo um bule de café e uma xícara em uma bandeja de prata.

— Obrigado, Wren — disse lorde Asriel. — Aquilo ali na mesa é Tokay?

— O reitor mandou separar este especialmente para o senhor — informou o mordomo. — Restam apenas três dúzias de garrafas do 98.

— Não há bem que sempre dure. Deixe a bandeja aqui ao meu lado. Ah, e peça ao porteiro para mandar as duas caixas que deixei na portaria.

— Para cá, senhor?

— Sim, para cá, ora. E vou precisar de uma tela e uma lanterna de projeção, também aqui, também agora.

O mordomo mal conseguia segurar o queixo de surpresa, mas conseguiu engolir a pergunta ou o protesto.

— Wren, você está esquecendo seu lugar — disse lorde Asriel. — Não me questione; apenas faça o que mando.

— Claro, senhor — replicou o mordomo. — Se posso dar uma sugestão,

senhor, talvez seja melhor avisar o sr. Cawson do que o senhor está planejando, senão ele poderá ficar um tanto surpreso, se é que me entende.

— Está bem. Avise a ele, então.

O sr. Cawson era o administrador. Havia uma rivalidade antiga e permanente entre ele e o mordomo; o administrador tinha mais autoridade, porém o mordomo tinha mais oportunidades de bajular os catedráticos, e aproveitava cada uma delas. Ele ia adorar poder mostrar ao administrador que sabia mais do que ele sobre o que acontecia na sala privativa.

Wren fez uma reverência e saiu. Lyra observou o tio se servir de uma xícara de café, bebê-la de uma vez e servir outra, que bebeu mais devagar. Ela estava perplexa: caixas de espécimes? Uma lanterna de projeção? Que teria ele de tão urgente e importante para mostrar aos catedráticos?

Então lorde Asriel se levantou e deu as costas para o fogo. Lyra o viu de corpo inteiro e se maravilhou com o contraste que ele formava com o mordomo gorducho e os catedráticos curvados e lânguidos: lorde Asriel era um homem alto, de ombros largos, fisionomia soturna e feroz, olhos que pareciam cintilar com um humor selvagem. Tinha o rosto de uma pessoa a quem se obedecia ou combatia — de alguém que nunca poderia ser tratado como inferior ou digno de compaixão. Todos os seus movimentos eram largos e possuíam um equilíbrio perfeito, como os de um animal selvagem; dentro de um aposento como aquele, ele parecia uma fera presa em uma jaula pequena demais.

No momento, sua expressão era distante e preocupada. Seu daemon se aproximou e encostou a cabeça na cintura dele, e ele baixou os olhos para a pantera com um olhar enigmático antes de lhe dar as costas e seguir até a mesa. Lyra de repente sentiu o estômago dar um nó, pois lorde Asriel havia tirado a tampa da garrafa de Tokay e estava enchendo uma taça.

— Não!

O grito abafado saiu antes que pudesse contê-lo. Lorde Asriel ouviu e se virou imediatamente.

— Quem está aí?

Lyra não conseguiu se controlar: saltou para fora do armário e correu para arrancar a taça das mãos do tio. O vinho voou, molhando a borda da mesa e o tapete, e a taça caiu e se estilhaçou. Ele agarrou a menina pelo pulso, torcendo-o com força.

— Lyra! O que está fazendo aqui?

— Me solte e eu vou contar!

— Primeiro vou quebrar seu braço. Como ousa entrar aqui?

— Acabei de salvar a sua vida!

Por um segundo, os dois ficaram imóveis, Lyra se retorcendo de dor e fazendo uma careta para reprimir um gemido mais alto, ele inclinado sobre ela, com a testa franzida, como um trovão anunciando a tempestade.

— O que você disse? — perguntou ele, em voz baixa.

— O vinho está envenenado — resmungou ela, os dentes cerrados. — Vi o reitor colocar um pó branco nele.

Lorde Asriel a soltou, e Lyra caiu no chão; nervoso, Pantalaimon esvoaçou para o ombro dela. O tio a encarou com uma raiva controlada, e ela não ousou encará-lo nos olhos.

— Entrei só para ver como esta sala era — contou Lyra. — Sei que não devia ter feito isso. Ia sair antes que alguém entrasse, mas o reitor apareceu e fiquei encurralada. O armário era o único esconderijo. Eu vi quando ele colocou o pó no vinho. Se não tivesse...

Uma batida na porta.

— Deve ser o porteiro — disse lorde Asriel. — Volte para o armário. Se eu ouvir um barulho sequer, vou fazê-la ter vontade de morrer.

Ela correu para se esconder, e mal fechara a porta do armário quando lorde Asriel falou em voz alta:

— Pode entrar!

Como ele tinha dito, era o porteiro.

— Coloco aqui, senhor?

Lyra viu o velho parado à porta com ar indeciso, e atrás dele a ponta de um grande caixote de madeira.

— Isso mesmo, Shuter. Traga as duas para dentro e coloque no chão perto da mesa.

Lyra relaxou um pouquinho e se permitiu sentir a dor no ombro e no pulso. Ela teria chorado se fosse outro tipo de menina; mas só cerrou os dentes e movimentou de leve o braço até senti-lo mais leve.

Então ouviu o ruído de vidro se quebrando e o borbulhar de um líquido que se derramava.

— Maldição! Shuter, seu velho desastrado! Veja o que você fez!

Lyra conseguia ver pouco, mas o suficiente. O tio dera um jeito de derrubar a garrafa de Tokay da mesa, fazendo parecer que tinha sido o porteiro. O velho pousou com cuidado o caixote no chão e começou a se desculpar.

— Sinto muito, senhor. A mesa estava mais perto do que eu pensava...

— Arrume alguma coisa para limpar esta sujeira. Vá depressa, antes que o tapete fique encharcado!

O porteiro e seu jovem ajudante saíram apressados. Lorde Asriel se aproximou do armário e falou em um cochicho:

— Já que está aí, pode me ser útil. Vigie atentamente o reitor. Se me contar alguma coisa interessante a respeito dele, vou impedir que você tenha ainda mais problemas do que os que já vai ter. Entendeu?

— Sim, tio.

— Se fizer barulho aí dentro, não vou ajudá-la. Você está por conta própria.

Ele se afastou, e estava novamente parado de costas para a lareira quando o porteiro voltou com uma vassoura e uma pá para os cacos de vidro, além de um pano e uma tigela.

— Peço desculpas mais uma vez, senhor. Juro, não sei o que me...

— Limpe isso aí e pronto.

Enquanto o porteiro enxugava o vinho do tapete, o mordomo bateu à porta e entrou com o criado de lorde Asriel — um homem chamado Thorold. Os dois carregavam um caixote pesado, de madeira envernizada e alças de bronze. Viram o que o porteiro estava fazendo e estacaram.

— Era o Tokay, sim — disse lorde Asriel. — Uma pena. A lanterna está aí? Coloque-a perto do armário, Thorold, por favor. A tela vai ficar do outro lado.

Lyra percebeu que pela fresta da porta conseguiria ver a tela e o que fosse projetado nela, e imaginou se o tio tinha feito aquilo de propósito. Protegida pelo barulho que o criado fazia ao desenrolar o linho rígido e montar a tela e sua armação, ela cochichou:

— Está vendo? Não valeu a pena?

— Pode ser que sim... — disse Pantalaimon em tom severo, com sua vozinha de mariposa — ... e pode ser que não.

Lorde Asriel ficou parado perto da lareira bebericando o resto do café

e observando com seriedade enquanto Thorold abria a caixa da lanterna de projeção e desencapava as lentes antes de verificar o tanque de óleo.

— Há bastante óleo, senhor — disse. — Quer que eu mande chamar um técnico para fazer a projeção?

— Não, eu mesmo farei isso. Obrigado, Thorold. Eles já terminaram o jantar, Wren?

— Creio que estão quase terminando, senhor — respondeu o mordomo.

— Se entendi direito o que o sr. Cawson disse, o reitor e seus convidados vão se apressar quando souberem que o senhor está aqui. Posso levar a bandeja do café?

— Pode levar.

— Muito bem, senhor.

Com uma medida leve, o mordomo pegou a bandeja e saiu, e Thorold foi com ele. Assim que a porta se fechou, lorde Asriel olhou diretamente para o armário no outro lado da sala, e Lyra sentiu a força daquele olhar quase como se ele tivesse uma forma física, como se fosse uma flecha ou uma lança. Então o tio desviou os olhos e falou baixinho com seu daemon.

A pantera veio sentar-se calmamente ao lado dele, alerta, elegante e perigosa, os olhos verdes examinando o aposento antes de se voltarem, como os olhos negros dele, para a porta que dava para o salão no momento em que a maçaneta girou. Lyra não conseguia ver a porta, mas escutou uma respiração profunda quando o primeiro homem entrou.

— Estou de volta, reitor — disse lorde Asriel. — Por favor, traga os seus convidados; tenho algo muito interessante para lhes mostrar.